"Você não é necessária."

Minha reação inicial a essa afirmação foi de confusão. Eu estava no meu primeiro ano do ensino fundamental na época.

"Para a continuidade da família Hino, quero dizer."

"Sim, sim. Eu sei."

Mesmo naquela época, eu já era suficientemente velha para entender a estrutura da nossa família, sua hierarquia e o meu próprio papel dentro de tudo isso.

"É porque eu tenho muitos irmãos mais velhos que podem assumir esse papel, certo?"

Quatro, para ser mais exato. Você quase precisava das duas mãos só pra contar.

"Correto", assentiu meu pai, sentado à minha frente. Muito raramente ele dizia mais do que algumas palavras de cada vez. Dito isso, ele era bastante expressivo e, de certa forma, eu não conseguia deixar de pensar que o silêncio talvez não fosse o melhor para ele, no fim das contas. De qualquer forma, parecia que ele não tinha mais nada a dizer para mim por enquanto.

Obviamente, eu também não tinha nada a dizer a ele, e assim, acabamos apenas nos encarando em silêncio.

Qual era o objetivo dessa conversa? O que ele estava tentando me dizer? Achei toda a situação extremamente aleatória — e isso sem contar o fato de que eu tinha sido chamada enquanto estava a caminho do banho.

"Sim."

Ele assentiu mais uma vez antes de se levantar e ir embora. *Sério? Era só isso?* Embora eu não tenha dito isso em voz alta, obviamente, foi o que pensei enquanto o observava sair da sala.

"Eu não entendo esse homem. Sinceramente, não entendo."

Bastava olhar para o rosto dele para perceber que havia sempre uma quantidade absurda de coisas passando por sua cabeça. Da mesma forma, dava para notar que ele não fazia o menor esforço para expressar esses pensamentos a quem quer que fosse.

Não que isso me incomodasse, veja bem. Nem um pouco. Se é que posso dizer, fiquei até aliviada por ele ter ido embora tão rápido.

Alguns momentos se passaram, e me vi deitada de lado no chão daquele salão enorme, agora vazio.

Os tatames tinham um cheiro muito particular. Fechei os olhos e passei um tempo aproveitando aquilo.

Só depois que meu estômago começou a subir e descer junto com a minha respiração, e eu não consegui mais ignorar, é que um murmúrio escapou da minha boca:

"Fiquei sem palavras agora..."

***

"E aí está. Em outras palavras, eu não sou necessária. Eu poderia desaparecer, e ninguém lá em casa se importaria", expliquei para a Nagafuji, sentada do outro lado do *kotatsu*. Ela reagiu rapidamente e, pelo tom de voz, não parecia nada contente com o que ouviu.

"Mas eu gosto da sua casa, Akira."

"Do que exatamente?"

"Do tamanho dela."

Ela complementou a explicação abrindo bem os braços. Bem abertos, acima da cabeça. Será que ela não sabia que nossa casa tinha apenas um andar?

"Acho que você entendeu errado."

"Hmm?"

Nagafuji parecia não entender o que eu quis dizer. Mas será que ela algum dia entenderia? Não, na verdade, *nunca*.

Era bem comum eu dar uma passada na casa da Nagafuji depois das aulas, ao invés de ir direto pra casa. A família dela tinha um açougue, e eu precisava admitir: havia algo na atmosfera de lá que eu achava extremamente agradável. Acho que cômodos pequenos, tão pequenos que um *kotatsu* já tomava metade do espaço disponível, simplesmente combinavam com quem eu era como pessoa. Na nossa casa, não existia nenhum ambiente assim. Nenhum sequer. *Sério, por que até os banheiros precisavam ser tão grandes? Ridículo.*

Aparentemente, começando a sentir frio, Nagafuji abaixou os braços e os enfiou bem fundo dentro do *kotatsu*. A expressão no rosto dela era melhor descrita como distraída — e sim, isso era bem normal vindo dela —, mas hoje ela parecia pelo menos uns vinte por cento mais relaxada do que o habitual. Só podia imaginar que o calor do *kotatsu* tinha grande participação nisso. Ela também não estava usando os óculos, o que me fez lembrar de uma imagem antiga dela, lá do nosso passado.

Ela só começou a usar óculos no ensino fundamental. Peguei eles de cima do *kotatsu* e tentei colocá-los, só por diversão. Como era de se esperar, não consegui enxergar nada com eles. O mundo inteiro parecia embaçado. *Será que a vista da Nagafuji era mesmo tão ruim assim?*

"Não me lembro direito. Você fez alguma coisa pra estragar seus olhos?"

"Sim. Estudei demais."

"Mentira."

Dito isso, as notas da Nagafuji eram boas. Melhores que as minhas.

"Acho que óculos não combinam com você, Akira."

"Ah, é mesmo?"

Isso já era motivo mais do que suficiente para eu tirá-los. Assim que o fiz, um risinho escapou da boca da Nagafuji. Pelo visto, ela estava bem satisfeita com o retorno da minha versão sem óculos. Coloquei os óculos de volta sobre o *kotatsu*, e ela deu um leve toque na armação. Quer dizer, leve não — usou força demais, e por pouco eles não caíram.

Sério, por que ela fez isso? O que ela estava tentando fazer? Não consegui evitar de soltar uma risadinha também.

Eu conseguia sentir o interior do meu peito se enchendo de um calor agradável, parecido com o que meus pés estavam sentindo debaixo do *kotatsu*.

Era o inverno do nosso primeiro ano do ensino fundamental II. A essa altura, nós duas já estávamos mais ou menos acostumadas a ter treze anos. Eu a chamava de Nagafuji, e ela me chamava de Akira. Era assim desde que as aulas começaram. Antes disso, eu também a chamava de Tae. Me encontrava em um lugar onde nunca tinha estado antes, cercada por pessoas completamente novas — e até aquelas que eu já conhecia não haviam permanecido as mesmas.

Acho que era isso que significava crescer.

"O velho ainda tá trabalhando, hein", comentei, ouvindo os sons que vinham do lado da loja. Como já disse antes, a família da Nagafuji tinha um açougue, e embora a minha casa também fosse bem movimentada às vezes, o tipo de agitação era completamente diferente da que se via aqui. O prédio também tinha um cheiro bem característico, que eu, pessoalmente, tinha começado a achar relaxante depois de me acostumar. "Tem certeza de que não precisa ir ajudar?"

"Ganhei o selo de 'inútil'."

"Uau. E não dá nem pra culpar eles por isso."

Sério mesmo, existia algum serviço que a Nagafuji pudesse ajudar? Não, nada em particular. Atender clientes? Nem pensar.

"Hmm..."

Me peguei encarando a Nagafuji, que por sua vez estava com os olhos grudados na TV. Ela parecia apática, quase como se fosse cair no sono a qualquer momento. Esse sempre foi o olhar mais comum em seu rosto, pelo menos desde que eu conseguia me lembrar. Quando se juntava isso ao jeito casual — muitas vezes até demais — com que ela costumava soltar certos comentários, ficava bem fácil entender por que tantas pessoas viviam interpretando sua personalidade de maneiras tão diferentes.

Não que elas estivessem sempre erradas, claro.

Foi então que a mãe da Nagafuji apareceu, espiando pela porta.

"Akira. Vieram te buscar."

"Hã?" Soltei um suspiro enquanto erguia a cabeça. Em seguida, me virei para a Nagafuji e disse: "Ah, é mesmo. Já tô de saída."

Infelizmente, essa tentativa de buscar algum apoio acabou saindo pela culatra.

"O quê? Já vai? Sério mesmo?" ela disse na hora, com um tom de voz que soava genuinamente de preocupação. *Que saco.* "Só meio sério."

"Preferia que não fosse sério nem um pouco."

A Nagafuji tinha um problema real com esse negócio de se deixar levar. E pra piorar, nunca assumia nenhuma responsabilidade pelo que dizia.

Enquanto me levantava, dei uma olhada no relógio na tela da TV. Mal eram seis horas. Suspirei de novo.

Seguindo meu exemplo, Nagafuji também saiu de debaixo do *kotatsu*. Ela começou a me ultrapassar em altura por volta da segunda metade do sexto ano, e hoje em dia, eu já estava quase uma cabeça abaixo. Pela minha altura, você até poderia pensar que eu ainda estava no fundamental I, enquanto, pelo mesmo critério, a Nagafuji já tinha cara de estudante do ensino médio.

"O que foi?" ela perguntou, inclinando a cabeça de lado. Parecia que tinha percebido que algo estava estranho. Tentei disfarçar, disse que não era nada, mas não consegui enganá-la; dessa vez, foi a Nagafuji quem ficou me encarando. Eu me sentia encurralada pela aura de intimidação que a diferença de altura entre nós dava a ela. Continuamos nos encarando por alguns instantes, até que percebi que ela ainda não tinha colocado os óculos de volta. *Será que ela não usava óculos em casa? Não me lembrava de vê-la tirando na escola.*

"O quê?"

"Nada. Só tô te olhando."

Os olhos dela me prenderam, e não pareciam querer me soltar.

Senti minhas bochechas ficarem um pouco vermelhas. Por quê? Bem, provavelmente era só isso mesmo. Muito provavelmente, aquelas palavras dela não tinham nenhum significado mais profundo.

Nagafuji me acompanhou até a porta da frente do prédio. Ali, um pouco mais ao lado, estava estacionado um carro que eu já tinha visto várias vezes antes. Acenei em despedida para o pai dela e comecei a me aproximar do veículo. Quanto à Nagafuji, ela veio atrás de mim, sem pressa.

"…"

"Ahn... uh..."

"Nem pense em entrar."

Essas palavras fizeram a Nagafuji congelar no lugar. Parecia que era exatamente isso que ela estava pensando em fazer.

"Por quê? Vamos transformar isso numa noite do pijama."

"Não, não vamos."

Dei um empurrão no ombro dela, mas ela nem se mexeu. Antigamente, eu conseguia empurrá-la com facilidade, mas agora, isso já não era mais possível.

"Toma essa!"

Por outro lado, a Nagafuji não teve dificuldade nenhuma em me pegar e me levantar no ar.

"Ei, sério. Me solta!"

"Hmm? Hino, você emagreceu?" perguntou ela, inclinando a cabeça de lado. Embora não fosse tão estranho assim considerando o tipo de comida que me serviam em casa, a resposta ainda era não. *Provavelmente*. "Ou será que você encolheu?"

"Vou acabar com você se não parar com isso agora."

Foi você quem cresceu, praguejei mentalmente.

Não pude deixar de pensar que esse tipo de troca ia acabar virando o padrão entre a gente daqui para frente.

"Até amanhã."

"É."

Depois de entrar no banco de trás do carro, acenei mais uma vez para a Nagafuji antes de bater a porta. Pela janela, vi ela se afastando de costas, ainda me encarando. *Será que ela achava mesmo que atravessar a rua desse jeito era uma boa ideia? Estava praticamente pedindo pra ser atropelada.* E, claro, o pai dela ficou furioso quando ela chegou de volta à loja. "Olha pra frente!", deu para ouvir o velho gritar.

Soltei um suspiro profundo enquanto encarava os dois.

Durante isso tudo, a pessoa sentada no banco do motorista, usando um avental, ainda não tinha dito uma única palavra.

"Não precisava vir. Eu já estava indo, de verdade", falei rapidamente.

"Talvez, mas já escureceu bastante", respondeu a mulher. O nome dela era Enome. Se não me engano, ela trabalhava na nossa casa como empregada.

As luzes do carro faziam o cabelo dela brilhar com um leve tom avermelhado.

"Jovem Senhorita, você—"

"Para com isso!"

Enfiei os dedos nos ouvidos imediatamente. Não sabia exatamente quando tinha começado, mas, em algum momento, ser chamada assim começou a me deixar realmente desconfortável.

"Não me chama assim."

"E como devo chamá-la então?" perguntou Enome, enquanto ligava o carro.

"Tanto faz."

"Muito bem. Então vou chamá-la de Senhorita Akira."

"...Você tá fazendo isso de propósito, né?"

Pelo espelho, consegui ver a mulher sorrir. Havia algo na expressão dela que a fazia parecer muito mais jovem do que realmente era.

"Foi a mamãe que pediu pra você vir?"

"Claro", respondeu sem hesitar. "A Senhora pediu que eu lhe dissesse que ela preferiria muito que você ligasse quando fosse ficar até mais tarde."

"Tarde? Mas nem são seis ainda."

"Seis horas já conta como noite durante o inverno."

Suponho que havia um certo sentido nas palavras dela; pelas janelas do carro, tudo o que eu conseguia ver ao redor era uma escuridão sem fim. A estrada que ligava a casa da Nagafuji à nossa quase não tinha postes de luz, e por isso, percorrê-la realmente dava a sensação de mergulhar num oceano noturno. Parte de mim sentia de verdade que, se eu abrisse a janela e estendesse a mão, conseguiria tocar aquela escuridão com os próprios dedos.

"Eu não sou mais uma criança."

"Ah, você com certeza ainda é."

A resposta rápida dela me fez reconsiderar minha posição. Ela era muito mais velha do que eu — tão mais velha que nem dobrando minha idade eu chegaria perto da dela. Vendo por esse ângulo, sim, era fácil entender por que ela me via como nada além de uma garotinha. Eu estava claramente em desvantagem, e o fato de que no passado eu vivia pedindo para ela brincar comigo não ajudava em nada.

Decidi mudar de assunto.

"Como você soube que eu tava lá? Eu não contei pra ninguém pra onde ia."

"Aonde mais você iria?"

"Em lugar nenhum, eu acho..."

Eu odiava ser tão previsível. Não queria que as pessoas soubessem sempre o que eu estava fazendo. *Nesse caso, da próxima vez, será que eu devia ir para outro lugar? Era uma possibilidade, mas aí a Nagafuji não estaria lá. E se ela*

não estivesse, que sentido teria? Nenhum. Nenhum mesmo. Isso mostrava o quanto ela era importante para mim.

A primeira vez em que nos conhecemos foi no primeiro dia de jardim de infância. Por algum motivo, nós nos damos muito bem logo de cara, e, antes que percebêssemos, já éramos melhores amigas. Desde então, os únicos dias em que não nos encontramos foram aqueles em que nossas famílias estavam viajando. Não era fácil se separar de alguém depois de algo assim.

"Acabei de perceber que não tenho escolha a não ser voltar pra casa, né?"

Se havia algo que me fazia ainda parecer uma criança, eu diria que era isso. Eu não tinha uma casa minha. Não, eu só tinha a casa dos meus pais.

"Hmm? Você não quer voltar pra casa?"

Luzes vermelhas apareceram de repente, fazendo o carro parar. *Ela iria me expulsar se eu dissesse que não?*

Se eu então voltasse para a casa da Nagafuji, eles... provavelmente acabariam me mandando embora de lá também.

A verdade é que eu não conseguiria encontrar outro lugar para ficar tão facilmente.

"Me disseram que não sou necessária lá."

Isso fez com que Enome virasse a cabeça para me olhar. Estava realmente bem? O carro ainda estava parado, mas ela era a motorista.

"Quem disse isso?"

"Foi meu pai."

"Ah, sério?"

Com isso, ela virou a cabeça de volta para a estrada, um pouco desconfortável.

"Eu sei que ele não quis dizer dessa forma, mas ainda assim..."

"Sim, sim."

Eu podia ouvir a mulher rindo baixinho. *Sério? Só isso que eu ganho?*

Não se deve cutucar o coração de uma garota na puberdade com tanta leviandade.

"Bem, é verdade que o Mestre poderia ser um pouco mais claro na forma como escolhe se expressar."

"Não me diga."

Eu não precisava que ele falasse todos os detalhes. Não, só explicar o básico do que ele estava tentando dizer já teria sido suficiente. Caso contrário, conversar

com ele era como fazer uma prova de japonês onde você nem sequer sabe que nota tirou no final. Eu deveria estar livre desse tipo de coisa em casa.

Apesar de sermos família, não era como se pudéssemos nos entender telepaticamente.

O silêncio se instalou entre nós. Desta vez, foi Enome quem mudou de assunto.

"O jantar já estará pronto."

"Ah, desculpa. Decidi comer na casa da Nagafuji."

"Quer dizer que já está servida?"

Ela claramente sabia o que eu queria dizer, mas ainda assim perguntou.

"Não gosto do tempero da comida em casa."

Especificamente, o problema era a falta de tempero. Se eu tivesse que descrever o gosto em uma palavra, provavelmente diria "sem graça".

"Me desculpe. É que a Senhora simplesmente não é fã de temperos fortes."

"Sim, eu sei."

Da mesma forma, meus irmãos também se acostumaram com isso. Isso me levou a me perguntar: e quanto ao meu pai? Ele nunca dizia nada enquanto estávamos jantando. Não, ele apenas comia e saía quando terminava. Não importava se achava bom ou ruim, ele nunca nos dizia.

Enfim, deixando isso de lado...

"Ei, Enome. Você sempre tem que fazer o que a mamãe manda, né?"

Era algo com o qual eu pensava de vez em quando.

"Claro que não."

Eu estava convencido do que dizia, mas levei um balde de água fria com a resposta dela.

Mais alguns momentos de silêncio se passaram, eu quase adormeci, mas finalmente o carro parou perto de casa. Ao sair, comecei a caminhar pelo caminho de cascalho.

Nossa casa era bem grande em comparação com a maioria. Sim, eu entendia o quanto isso soava infantil, mas acredite, era verdade. O lugar era como um jardim isolado construído em um terreno que em si era maior do que o novo hotel que havia acabado de abrir perto da estação.

Quantas casas da Nagafuji caberiam só no jardim? De alguma forma, eu sentia que, se eu perguntasse a ela isso, ela começaria a calcular de verdade. Ela pegaria uma fita métrica e... Espera, não. Na verdade, conhecendo seu jeito, ela provavelmente usaria uma régua, né? Sim, ela usaria. Não consegui deixar de rir um pouco só de imaginar isso.

Minhas bochechas tremiam, e o resto do meu corpo também reagia ao toque gelado do ar de inverno.

"Bem-vinda de volta", Enome me cumprimentou enquanto eu entrava. Ela correu na minha frente aparentemente só para poder me dizer essas palavras.

"...Cheguei."

Foi a única resposta que minha eu de treze anos conseguiu dar a ela.

***

Quais seriam as chances de as coisas terem acontecido dessa forma, assumindo que não havia ninguém por trás de tudo?

Foi algo que fiquei pensando enquanto almoçava com a Nagafuji na cantina da escola. Pelo sétimo ano consecutivo, nós duas acabamos, mais uma vez, na mesma classe. As turmas eram rearranjadas a cada dois anos no ensino fundamental, e contando a partir daí, isso significava, o quê, quatro rodadas no total pelas quais conseguimos passar? Enfim, quais seriam as chances disso? Bem baixas, imagino. De qualquer forma, parecia que eu ainda tinha mais um ano de escola pela frente com a Nagafuji.

"Ei, Hino", ela me chamou, enquanto balançava os *hashis* no ar. "Não vai dormir enquanto come, ou então você vai acabar comendo os seus próprios *hashis*."

"Você é a única que faz isso."

“Como é?” Consegui ouvi-la dizendo. Então, aproximadamente dois segundos depois, ela voltou a comer como se tivesse completamente esquecido a conversa anterior.

Na sala de aula, eu sempre era a Hino, e ela sempre era a Nagafuji. Tinha algo nas roupas de uniforme que nos fazia agir assim.

"Ei, Nagafuji. Você vai herdar o açougue no futuro?"

"Hmm?"

Ela estava prestes a morder o pãozinho quando parou por um segundo.

"Hmm..."

A cabeça da Nagafuji se afastou, e seus olhos se viraram levemente para o lado. Ela parecia estar pensando em algo.

Bastou eu olhar para ela para descobrir o que era esse algo.

Um momento passou, e então os olhos da Nagafuji voltaram para mim.

"Sei lá."

"...Ah, não. Está tudo bem. Não preciso de uma resposta séria."

Eu realmente não tinha intenção nenhuma com a pergunta. Era só algo que havia passado pela minha mente.

"Ok."

Assim, Nagafuji abriu bem a boca e mordeu o pãozinho que estava segurando. Eu também peguei o meu.

Não sabendo escolher entre geleia e margarina, acabei espalhando um monte de ambos no meu pão. O sabor resultante era, para dizer o mínimo, bastante rico. Alguns poderiam até argumentar que era demais.

Pessoalmente, no entanto, achei que estava perfeito.

Enquanto estávamos limpando a mesa, já tendo acabado de comer, Nagafuji de repente se virou para mim e fez a seguinte pergunta:

"Se eu acabar comandando a loja, você vai vir comprar coisas todo dia?"

"Hmm... Talvez. Croquetes."

"Está decidido então. Vou contar para o pai."

Sério? Era só isso? Não consegui evitar uma risada curta.

O dia logo chegou ao fim. Como de costume, Nagafuji já estava ao lado da minha mesa enquanto eu ainda estava ocupada guardando minhas coisas na mochila.

"Hora de ir", ela disse com um tom de voz inusitadamente alegre. Era comum para ela misturar seu tom assim. Não havia nenhum significado nisso, pelo menos não que eu conseguisse perceber.

"Ah, desculpa. Não posso ir hoje."

"Sim, sim. Você não pode não ir."

Ela pegou meu braço e tentou me arrastar.

"Ei! Eu quis dizer o oposto."

O japonês era tão difícil quanto a cabeça dela era dura. Eu rapidamente sacudi meu braço para me libertar.

"...Tem algo que preciso fazer."

Minha mãe tinha se lembrado de me avisar sobre isso depois que cheguei em casa ontem. Eu estar ocupada não era nada de mais, e como resultado, minhas palavras não causaram nenhum choque. Nem tristeza, para ser honesta. Não, a expressão da Nagafuji permaneceu completamente inalterada, quase como a superfície de um lago calmo.

"Negócios de família, certo?"

"É. Dá um trabalho."

Um suspiro profundo escapou de minha boca. Não porque eu odiasse a ideia de ter que fazer algo, entenda. Não, o problema era o oposto; não havia nada para eu fazer.

Era tudo tão entediante.

"Acho que vou passar no meu clube, pra variar."

"...De qual clube você faz parte mesmo?"

"Isso é um segredo."

"Hmph. Tudo bem então."

Me virei e comecei a andar. Ou pelo menos, foi o que tentei fazer; como se estivesse pinçando minha pele pelas costas através da camisa, Nagafuji me puxou.

"Você precisa ser mais cuidadosa."

Às vezes, ela podia ser um verdadeiro incômodo também.

"Então, Nagafuji. Que tal me ensinar como se faz?"

Eu não sabia bem como reagir, então, no final, decidi falar algo bem aleatório.

"Hmm. Da próxima vez."

"Eu vou te dar um soco."

Enfim, chega disso. Eu precisava ir direto para casa naquele dia, e foi exatamente o que fiz depois daquela breve troca de palavras.

O sol já começava a se pôr quando cheguei ao bambuzal, tingindo as árvores com um fraco brilho laranja. Havia algo na cena que fazia com que parecesse que eu estava caminhando por uma floresta muito mais densa do que o bambuzal realmente era.

O ar frio e o cheiro de bambu fizeram meu corpo tremer.

Alguns carros que eu não reconhecia estavam estacionados do lado de fora da nossa casa. Ao lado deles, vi uma motoneta um pouco suja. Quem teria usado ela? Quem quer que fosse, não pude deixar de sentir que não tinha muito a ver comigo.

Passei pelos veículos e continuei em direção à porta da frente.

Hoje, foi meu irmão quem me cumprimentou.

"Oh, que surpresa. Você nem está atrasada."

Embora eu tivesse quatro irmãos ao todo, o único que morava em casa era o mais novo. Seu nome era Goushirou. Ele era bem mais velho do que eu. Bem, eu digo isso, mas ainda dava para perceber claramente que éramos irmãos.

Diferente do meu irmão mais velho, com quem um desconhecido podia muito bem me confundir com a filha dele.

Eu sabia pouco sobre que tipo de pessoa ele era; quando nasci, ele já tinha saído de casa.

Se eu tivesse que chutar, diria que esses sentimentos provavelmente eram recíprocos.

Nossa família era bem estranha.

Enfim, chega disso. Como sempre, meu irmão estava mais uma vez vestido com roupas no estilo japonês.

"Se arrume e venha para o prédio ao lado."

"Tá, tá."

Me agachei para tirar os sapatos e, quando levantei a cabeça, ele já tinha saído correndo para algum lugar. Estaria ele ocupado, talvez? Parecia ser o caso. Ele se encaixava bem na atmosfera geral da nossa casa. Ou seja, ele era uma pessoa bem medida e organizada. Embora nós dois não tivéssemos uma relação ruim, também não estávamos nem perto de sermos próximos o suficiente para engatar uma conversa amigável.

A única coisa que compartilhávamos era a casa onde morávamos. Nada mais.

Voltei para o meu quarto, joguei a bolsa no chão e soltei um suspiro profundo.

"Sério. Que chatice."

Cheguei até a jogar os sapatos que estava carregando contra a parede. Ali, após alguns segundos parada no lugar, meu corpo voltou a tremer. Eu sabia o que deveria fazer. Fui instruída a isso. E, ainda assim, aqui estava eu, andando em círculos pelo meu quarto. Minha cabeça se recusava a funcionar direito.

Podia sentir meus ombros ficando pesados.

A sensação era uma mistura de impaciência e desagrado. Eu não aguentava aquilo.

E, ainda assim, não tinha escolha.

Depois de me arrumar, logo me vi sentada em silêncio no canto do prédio ao lado.

As roupas que eu usava, minha postura, o modo como me sentava... tudo contribuía pra eu parecer uma boneca gigante.

Meus pais pareciam se dar muito bem com os convidados. Eu, por outro lado, não fazia ideia de quem eram. Alguns adultos transbordando elegância e riqueza. Bem, essa última parte era um palpite, mas como suas roupas pareciam caras, provavelmente eu não estava muito errada. Isso era algo que eu aprendi a reconhecer depois de todos esses anos vivendo aqui.

O que realmente importava era que eles eram convidados muito importantes para a família Hino.

Era em ocasiões como essa que até meu pai, geralmente silencioso, acabava se tornando bem falante. Embora ele não fosse tão longe a ponto de fazer piadas ou qualquer coisa do tipo, o que ele realmente fazia era ouvir as pessoas que falavam com ele. Ele até se certificava de responder de uma forma que não fosse apenas uma palavra. Quanto a mim, meu papel era sorrir educadamente e, às vezes, rir levemente quando meu nome era mencionado no meio da conversa. Era só isso.

Mas se a família não precisava de mim, então, por que eu ainda precisava estar ali?

Minha cabeça começava a tremer, e parecia que logo ela poderia simplesmente rolar como uma bola de boliche.

Havia um convidado que parecia um pouco desconfortável. Enquanto eu estava sentada no canto, ele estava sentado perto do centro da sala. Seu quimono era vermelho, e, embora parecesse de tamanho comum, a postura infantil da pessoa fazia parecer um pouco grande demais para ele. Mesmo assim, eles provavelmente eram mais adultos do que eu, não eram? Provavelmente, sim. Com os olhos semicerrados, sua cabeça continuava balançando para cima e para baixo, como se estivesse prestes a cochilar.

Ao olhar mais de perto, percebi que a pessoa na verdade não estava usando um quimono completo, mas sim um *yukata*.

Enquanto isso, a conversa continuava como se nada estivesse fora do normal. Quanto ao que estavam falando, não sei dizer. Nada daquilo registrava na minha mente. Eu estava prestando menos atenção do que costumo fazer nas aulas, e isso já era um grande feito. Se eu tivesse que escolher entre isso e o zumbido das moscas para ouvir pelo resto da minha vida, eu escolheria felizmente as moscas.

…

Um suspiro profundo quase escapou da minha boca. Felizmente, consegui me controlar a tempo.

O restante da reunião seguiu da mesma forma. Nada digno de ser repetido aconteceu.

Quanto à pessoa vestida de vermelho, ela basicamente adormeceu no final.

A primeira coisa que fiz ao voltar para o meu quarto foi desamarrar o vestido que eu estava usando. Só então comecei a procurar uma troca de roupas. No entanto, isso se revelou muito mais esforço do que eu poderia lidar naquele momento, e logo me vi desabando no chão.

O ar próximo ao chão era consideravelmente mais fresco do que o restante do quarto. Respirando-o, pude sentir a exaustão que eu estava sentindo antes começar a derreter. Passei os próximos momentos assim, incapaz de me levantar, mesmo que eu quisesse.

Um pensamento estranho passou pela minha cabeça enquanto eu estava ali.

Eu queria voltar para casa.

Agora, considerando que eu já estava em casa, para onde estavam apontando esses sentimentos?

Alguns momentos se passaram.

"Que cena pitoresca."

Era Enome quem dizia isso. Aparentemente, ela veio ver como eu estava.

"Pitoresca?"

"Exatamente. O quimono amassado parece algo saído de uma pintura tradicional."

"Ah, uau."

Não pude deixar de me sentir um pouco impressionada. Enquanto isso, Enome entrou mais no quarto e abriu uma das gavetas perto do canto da sala. Olhando para ela preguiçosamente com os olhos virados para cima, comecei a falar sem nem me dar ao trabalho de levantar.

"Ei, Enome."

A mulher desviou sua atenção para mim, continuando a preparar minha troca de roupas.

"Você tem a mesma idade que a mamãe, certo?"

"Isso mesmo."

Pelo que ouvi, as duas haviam estudado na mesma escola, e logo após se formarem, Enome se mudou para trabalhar como empregada para nossa família. Minha mãe ficou radiante com a ideia de poder continuar vendo sua melhor amiga, me contaram.

Mesmo hoje em dia, não era incomum vê-las conversando amigavelmente pela casa. Embora a relação entre elas fosse, sem dúvida, de empregada e patroa, nesses momentos, pareciam mais duas boas amigas do que qualquer outra coisa.

"Por que você decidiu trabalhar aqui?"

"Pensei que poderia abusar da amizade com sua mãe para arrumar um trabalho fácil", disse ela com um sorriso travesso no rosto. "Brincadeira, claro. Na verdade, foi ela quem sugeriu. Ela disse que queria que eu ficasse ao lado dela."

"Sério? A mamãe disse isso?"

"Fiquei tão feliz."

Um sorriso apareceu novamente em seu rosto. Este era muito mais suave do que o anterior, o tipo de sorriso que alguém faz ao relembrar o passado.

Não pude deixar de sentir que já tinha visto exatamente esse sorriso antes. Onde *exatamente*, isso eu não consegui descobrir.

"E quanto aos convidados?"

"Já foram."

"Hmph", respondi de um jeito que sugeria que eu não estava nem aí, o que não fazia muito sentido, considerando que fui eu quem perguntei sobre isso.

Faziam apenas alguns momentos que eu havia visto aquelas pessoas, mas suas faces já pareciam completamente turvas em minha mente.

Isso só confirmava o que eu estava sentindo antes.

"Não me parece que esse seja o lugar certo pra mim."

Decidi abrir meu coração para a Enome e contar a ela o que eu realmente sentia.

"Esse lugar, quer dizer, a casa?"

"Sim."

Levantei os braços acima de mim e os estiquei em direção ao teto. Ali, observei enquanto as mangas do meu quimono caíam lentamente.

"Como posso dizer... Eu simplesmente nunca consigo relaxar. Meus ombros sempre parecem estar na posição errada. Algo assim."

Eu tinha certeza de que esses sentimentos não desapareceriam, não importava quanto tempo eu ficasse ali.

Enrolando as mãos ao redor do quimono para evitar que caísse completamente, me levantei devagar.

"Eu tenho um pedido."

"O que é?"

O tom da voz da mulher ao responder soou ainda mais amável do que o habitual. Se eu tivesse que adivinhar, diria que ela provavelmente estava fazendo isso por minha causa.

"Eu quero fugir por um dia."

Uma coisa simples, sim, mas algo que eu realmente queria fazer.

Foi só depois que as palavras saíram da minha boca que me perguntei: *por que ela?*

Acho que era esse o tipo de relação entre nós. Meus membros da família eram *família*, meus amigos eram *amigos*, mas ela não era nenhum. Enquanto os outros dois exigiam um certo tipo de comportamento e ação — e muitas vezes a falta deles — para manter tudo equilibrado, ela não. Ela simplesmente existia.

Era exatamente por isso que eu conseguia recorrer a ela para pedir ajuda.

"Eu ouvi direito? Você quer fugir?"

"Sim..."

Havia algo muito embaraçoso em ter essa proposta infantil exposta a um adulto.

Alguns momentos se passaram, após os quais Enome bateu levemente as mãos contra os joelhos.

"Muito bem então. Vamos lá."

"Hã?"

"Primeiro, precisamos obter permissão das pessoas da casa."

"O quê?!"

A última frase não foi tanto uma pergunta, mas mais uma expressão de pura confusão. Sem me dar atenção, Enome saiu rapidamente do quarto.

Enquanto eu imaginava que escaparia silenciosamente no meio da noite, parecia que a mulher tinha outros planos.

"Você normalmente pede permissão antes de fugir?"

Não, você não pede. Definitivamente não. Acho que isso só provava que não havia nada de normal em nossa casa.

Enfim...

"Não sei se entendi, mas tudo bem."

Foi o que meu irmão disse. Honestamente, eu esperava algo bem diferente.

"Não há nada de especial planejado, então se você quer sair, não vejo porque não possa", ele continuou de uma maneira tipicamente séria.

"Certo..."

"Só tenha certeza de estar em casa na próxima quinta-feira. Qualquer outro dia está bem."

Ele realmente estava dizendo que eu poderia fugir quando quisesse, desde que não fosse no dia que tivesse algo planejado para a família? E isso não era uma piada? Não pude deixar de rir um pouco. Quanto ao meu irmão, ele inclinou a cabeça para o lado, aparentemente confuso sobre o que eu achava tão engraçado.

"Como eu disse, não tenho certeza se entendi o que você quer dizer."

"Você não precisa entender."

"Hmph."

Nenhum sinal de hesitação podia ser visto na maneira como ele balançou a cabeça. Verdadeiramente, ele era filho dos nossos pais.

"Eu cuidei de falar com a sua mãe."

Depois de conversar com meu irmão, encontrei Enome novamente. Ela me disse que precisava fazer alguns preparativos e passou todo esse tempo correndo pela casa fazendo justamente isso. Para ser sincera, fiquei realmente feliz que Enome tivesse se oferecido para explicar a situação para minha mãe; conhecendo-a, ela ficaria além de preocupada, não importava o que eu dissesse. Só de pensar em ter que passar por isso já me deixava desconfortável.

"Agora, só falta..."

"Exatamente."

A maneira como Enome sorriu deixou claro que ela não iria me livrar dessa vez.

Acho que isso era mais um exemplo da relação especial entre as duas.

Me preparando para o que precisava ser feito, me virei e comecei a andar.

"Eu estou fugindo de casa."

Meu pai estava no processo de cortar as unhas na varanda quando falei essas palavras para ele. Depois de pesar todas as minhas opções, decidi que a melhor maneira de abordá-lo seria ir direto ao ponto, sem enrolação.

"O quê!?"

Mesmo que não fosse possível perceber pela falta de expressão dele, ele ficou claramente chocado.

Que incomum.

"Entendi."

No entanto, levou apenas um segundo para ele voltar ao seu estado normal. Com isso, ele também ficou em silêncio.

Eu queria que ele falasse. Queria que ele dissesse algo sobre o que eu acabava de contar. E ainda assim, ao invés de expressar qualquer um desses sentimentos, simplesmente me virei e fui embora.

Depois de tudo isso, a noite eventualmente chegou.

Me encontrei dando os primeiros passos reais para fugir de casa. Ou seja, eu tinha arrumado minhas coisas e as jogado no banco de trás do carro. *Isso ainda contava como eu fugindo de casa? Certamente não parecia assim.* De qualquer

forma, enquanto estava lá, olhando para o sol prestes a se pôr sob o limite que chamamos de horizonte, um som familiar chegou aos meus ouvidos — o som de alguém chamando o meu nome.

"Ei, Hino!"

"Hã?"

Essa pessoa não era ninguém além da Nagafuji, que estava correndo em minha direção com uma mochila jogada sobre o ombro. Em vez de parecer que ela tinha apenas vindo para passar o tempo, a impressão que eu tive era que ela tinha algo completamente diferente em mente. Ou seja, ela parecia ansiosa para se juntar a mim como uma fugitiva também. Mas como? Como ela sabia que eu estava indo para algum lugar? Não poderia ter ouvido isso de mim.

"Eu não te convidei."

"Não, você não convidou."

Ela soou quase irritada ao dizer isso. Mas por quê?

"Ah, mas eu fui convidada", ela rapidamente corrigiu, sua expressão voltando à mesma de sempre. Isso realmente parecia a única explicação; ela não poderia ter sabido disso antes, se ninguém a tivesse convidado, caso contrário, não estaria ali na minha frente agora. Claro, Nagafuji tinha uma forma de sempre aparecer do nada, mas aparecer justamente quando eu estava prestes a sair? De jeito nenhum. Isso seria uma coincidência grande demais. A única maneira de tudo isso fazer sentido era assumir que alguém a havia chamado para cá.

Quanto a quem seria essa pessoa, digamos que eu tinha uma boa intuição. Virei o olhar para o lado, apenas para encontrar Enome sorrindo para mim, usando o mesmo avental de sempre.

"Como eu disse, eu estava fazendo os preparativos."

"Hã?"

"Achei que a presença dela fosse a coisa mais importante a ser incluída."

Instintivamente, dei um passo para trás. Era como se as palavras dela tivessem formado um martelo que então atingiu diretamente meu coração. Um desejo de retrucar, de rebater o que ela havia dito invadiu minha mente. Estava prestes a abrir a boca, mas, naquele momento, me vi me perguntando, será que isso era realmente a coisa certa a fazer? Seria um passo em direção à luz ou um passo em direção à escuridão? Incerta, acabei não dizendo nada.

Como se podia ver, havia muita coisa se passando na minha cabeça, até nos melhores momentos.

Nagafuji, parecendo bem satisfeita consigo mesma, ao mesmo tempo totalmente alheia a tudo isso, deu um tapinha leve na minha cabeça.

Isso me irritou um pouco.

Mas, quem se importava?

"Definitivamente não parece mais que estou fugindo de casa."

"Isso importa? Pessoalmente, acho que ir numa viagem seria muito mais divertido", respondeu Enome, sem hesitar. Eu estava prestes a dizer algo novamente, mas, chegando à mesma conclusão de antes, acabei entrando no carro em total silêncio.

E assim, a menina de treze anos decidiu usar a força da família dela para espalhar suas asas.

A única questão era: *para onde eu estava indo?*

***

De jeito nenhum eu esperava que essa ideia resultaria em uma viagem com a Nagafuji quando a tive pela primeira vez. Quando foi a última vez que saímos juntas? A viagem escolar no ensino fundamental? Honestamente, talvez tenha sido isso.

Nós fomos para Kyoto aquela vez. Claro, Kyoto era um pouco longe demais para ser alcançada de carro.

"Para onde vamos?", perguntou Enome enquanto ligava o carro. *Boa pergunta.*

O que se estendia diante de mim era a mesma cidade velha que eu já estava mais do que acostumada a ver.

"É..."

Nunca imaginei que fosse fugir de casa no mesmo dia em que trouxe o assunto à tona com Enome, e, por isso, eu não tinha nenhum plano preparado. Até aquele ponto, muito pouco aconteceu da forma como eu pensava que seria. Instintivamente, me virei para Nagafuji em busca de apoio. Ela tinha acabado de tirar os óculos.

"Tem algum lugar em mente pra onde gostaria de ir?"

"Hmm. Sua casa, eu acho."

"Imbecil."

Ela gostava mesmo de visitar nossa casa, não é? Suponho que ambas "nascemos na casa errada". Dito isso, também não tinha nenhum desejo de ver que tipo de pessoa ela teria se tornado vivendo lá. Aquela simplesmente não era a Nagafuji que eu conhecia.

Havia algo sobre a ideia de eu não saber coisas sobre ela que me fazia ficar um pouco desconfortável.

Pensando bem, o fato de tudo ser sempre igual levava à estagnação, então havia isso a considerar.

De novo, um tema bem complicado, né?

"Entre o mar e as montanhas, qual você prefere visitar mais? Escolha um."

Sentindo-me incapaz de decidir sozinha, acabei pedindo ajuda à Nagafuji. Ela, por sua vez, não hesitou nem um pouco.

"Mar..."

"Ok."

"...comida."

Vamos apenas ignorar essa última parte.

"Ela disse que quer ver o mar."

"Entendido", respondeu Enome, olhando por cima do ombro.

Eu sabia o quão sem sentido era a Nagafuji decidir para onde eu iria.

De algum jeito, parecia que sempre estávamos indo para o mesmo lugar.

"Eu sei que deveria ter perguntado antes, mas está realmente tudo bem você estar aqui? Tipo, você não tem trabalho pra fazer em casa?"

"Tem outras criadas além de mim. Além disso, a Senhora disse que tomaria conta da minha parte."

"Uau."

Espera... Como é?

"Mamãe sabe fazer trabalho doméstico?"

"Não sabe."

Embora Enome não tenha virado a cabeça dessa vez, eu ainda pude ouvir ela rir sozinha.

Havia algo na risada dela que me parecia muito genuína.

"Keh keh keh."

"Isso não é uma competição."

A risada da Nagafuji, por outro lado, soou mais estranha do que qualquer outra coisa. Aproximadamente um segundo depois, ela já estava virada para a janela, olhando como se nada de anormal tivesse acontecido. Eu também olhei para fora, apenas para ser novamente confrontada com a paisagem familiar. Até onde eu teria que ir para fazer com que a "Hino" dentro de mim desaparecesse?

"Aliás, qual direção é o oceano?"

Decidi perguntar a Enome para garantir que ela soubesse para onde estava dirigindo. Suponho que havia apenas duas opções reais, considerando onde morávamos, sendo norte e sul.

"Eu não pesquisei. Mas conheço uma pousada. É para lá que estou indo. Só espero que não tenha fechado..."

"Uma pousada?"

"Sim, uma perto do oceano. Fiquei lá uma vez, anos atrás."

"...E se eles tiverem fechado?"

"Eu penso nisso quando chegar lá."

Mais uma vez, pude ouvir Enome rir, sem se mover um músculo.

Acho que estava tudo bem. Dado que eu estava supostamente fugindo de casa, seria bem estranho se tudo estivesse perfeitamente planejado.

Deixando isso de lado, me aconcheguei no banco e me preparei para dormir.

Eu podia sentir meus braços sendo tomados pela sensação de sonolência enquanto a escuridão da noite me engolia completamente.

***

Para resumir, a pousada ainda estava lá. Ou algo parecido com uma.

"Não, não. Isso está tudo errado."

Aparentemente, o lugar era tão antigo que precisaram reconstruí-lo em algum momento. Enome parecia bem surpresa, para dizer o mínimo.

Nós duas nos sentamos em um banco no saguão enquanto esperávamos Enome terminar de fazer a nossa reserva. Durante todo o tempo, Nagafuji estava com o maior sorriso no rosto.

"Você realmente está se divertindo tanto assim?"

"Muito bem, obrigada."

Como essa resposta se conectava com a pergunta que eu tinha feito? Como sempre, Nagafuji não dizia nada com nada.

De qualquer forma, depois, levamos nossas malas para dentro e decidimos dar uma caminhada para ver o mar antes que ficasse escuro demais para isso.

Nunca antes na minha vida eu havia visitado o mar durante o inverno. Sempre que pensava nisso, as duas palavras que vinham à mente eram "azul" e "verão", nenhuma das quais podia ser vista em qualquer lugar na praia por onde caminhávamos. O que havia, no entanto, era o seguinte comentário direto da Nagafuji:

"Meus pés estão ficando frios."

Você podia ver todo o corpo dela tremer quando disse aquilo. Ela estava usando apenas uma saia e, se eu tivesse que adivinhar, isso provavelmente tinha um grande papel no motivo de ela estar sentindo tanto frio. E ainda assim, ela tinha

energia suficiente para correr pela praia como uma criança, me dando a impressão de que havia algo no som ou na textura da areia — ou talvez nos dois — que ela achava muito divertido. Nem preciso dizer, mas eu não a acompanhei. Enome também não. Estávamos muito ocupadas observando o mar à noite.

Sem nenhum tipo de provocação, acabei abrindo minha mente para ela.

"Eu queria refletir sobre a minha casa e minha família. Claro, eu não conseguiria fazer isso enquanto estivesse lá."

Minha motivação para vir até aqui tinha sido encontrar um lugar onde eu pudesse respirar ar fresco, relaxar a mente e os ombros, e talvez, assim, conseguir ver as coisas sob uma nova perspectiva. Embora fosse um bom plano na teoria, infelizmente, parecia que isso não iria se concretizar.

"Sinto que não vou ter muito tempo pra pensar com a Nagafuji aqui."

Apesar de ser uma mestre em se distrair, a única coisa que ela não conseguia fazer era se acalmar. Além disso, essa influência dela logo se espalhava para quem estava ao redor — incluindo eu. O conteúdo dos nossos pensamentos não poderia ser mais diferente, mas ao mesmo tempo, talvez fosse algo bom ela estar aqui. Isso foi algo que eu comecei a refletir enquanto olhava para a escuridão profunda diante de mim. Se estivesse sozinha agora, sem dúvida meus pensamentos teriam formado um buraco que a água logo teria preenchido, me puxando para baixo das ondas.

"O que você acha de a gente encerrar por aqui e preparar um banho?"

"Claro. Vamos fazer isso."

Enquanto isso, Nagafuji continuava correndo pela praia como um cachorro que tinha sido solto da coleira. Não pude evitar de passar alguns momentos a observando enquanto ela corria.

***

"Então."

"Então, então."

"Então, por que você entrou também?"

O quarto que pegamos tinha sua própria banheira. Não posos negar, assim como o próprio prédio, o capricho nos detalhes me chamou bastante atenção.

Claro, a banheira ainda era bem menor do que à da nossa casa. Claro.

Embora isso não fosse um problema, o que me incomodava era o reflexo extra que podia ser visto na água.

E, claro, eu estava me referindo à Nagafuji. Ela estava aqui também.

"Isso importa? A banheira é grande o suficiente pra nós duas."

Sério? Essa foi a justificativa dela? Eu queria responder algo, mas antes que eu conseguisse escolher as palavras, o calor subiu para a minha cabeça e me fez parar.

Nagafuji não perdeu tempo e já pulou dentro da banheira. Para ela, espalhar um pouco de água na cabeça e no corpo parecia ser o suficiente para tomar banho. Mesmo assim, ela realmente gostava de tomar banhos, não é? A maioria das noites que ela passava lá em casa seguiam exatamente o mesmo padrão: ela tomava banho por tempo demais, ficava tonta e depois capotava em algum canto do meu quarto.

Atrás de mim, eu podia ouvir o som da água sendo respingada. Era quase como se ela estivesse se divertindo.

Parece que esse hábito de infância dela ainda estava firme e forte.

"Ei, Akira."

"Sim?"

"Você não gosta da sua casa?"

Você não percebeu isso até agora?

Era o que eu queria dizer, mas não falei.

"Não", respondi em vez disso. Era a Nagafuji com quem eu estava lidando aqui. Era a resposta que fazia mais sentido. "Eu realmente não gosto."

"Hmm..."

A maneira como ela balançou a cabeça parecia muito desinteressada, quase sem pensar. Por outro lado, já que nada disso dizia respeito a ela, acho que era justo.

"Entendi."

"Tá tudo bem se você não disser nada."

Parece que usar muito a cabeça era um jeito rápido de fazer a Nagafuji ficar tonta novamente. Bem no momento em que esse pensamento passou pela minha cabeça, eu a ouvi se levantar. Me virei rapidamente, apenas para vê-la marchando na minha direção. Eu estava prestes a abrir a boca para falar algo, mas antes que eu pudesse, ela já estava sentada atrás de mim. O cheiro da pele dela, acompanhado de um forte senso de calor e intimidação, me envolveu enquanto ela se inclinava para frente.

"Vou lavar sua cabeça."

"Por quê?"

Como se estivesse fazendo isso para responder minhas perguntas, os dedos de Nagafuji se cravaram contra minha pele.

"Ai!"

Na verdade, não doeu tanto. Não, o propósito do grito foi esconder minha incapacidade de entender o que estava acontecendo. E, acho que um pouco de dor também estava misturado ali.

"Ah, desculpa. Sua cabeça estava mais próxima do cabelo do que eu imaginava."

"Isso nem faz sentido... Enfim, de novo, o que você tá fazendo?"

"Hmm, hmm."

Escolhendo não responder, Nagafuji continuou mexendo na minha cabeça. Tanto por dentro quanto por fora.

"Você é péssima nisso."

"É difícil saber como fazer isso quando não é sua própria cabeça."

Huh. Honestamente, essa explicação até fez sentido. Não era como se eu mesma tivesse lavado a cabeça de outra pessoa. Se eu tentasse fazer isso, talvez também fosse ruim? Talvez. Foi bem ali, enquanto eu me olhava no espelho, que percebi algo.

"Espera... Por que você só está mexendo no meu cabelo? Pelo menos use xampu."

"Ah, é. Esqueci."

Assim, Nagafuji pegou uma garrafinha de xampu que estava perto e derramou um pouco na minha cabeça.

Não pude evitar de apertar os olhos enquanto a substância escorria pela minha testa.

"Ei."

"Tá ardendo?"

"Nos meus olhos, sim."

"Levante a mão direita se começar a doer."

"Vou ficar bem."

Sério, quando ela vai superar o hábito de ter que dizer em voz alta cada ideia estúpida que passa pela cabeça dela?

Passamos os próximos minutos assim, com Nagafuji continuando a mexer no meu cabelo. Logo ela aprendeu a força certa para usar, e no final, não doía mais nada. De vez em quando, o xampu que ela estava esfregando na minha cabeça formava uma bolha especialmente grande, que ela estourava com um sorriso satisfeito no rosto.

"Enfim... Por que você está fazendo isso?"

"Hmm, sem motivo. Só deu vontade."

"É bem a sua cara."

No final, acabei dando de ombros e deixando Nagafuji fazer o que quisesse. Ela parecia bem feliz. E se algo a fazia feliz — se algo a satisfazia — então, para mim, não podia ser nada ruim. Essa era a minha opinião sobre o assunto.

"Você é uma pessoa meio estranha, né, Nagafuji?"

Eu tinha que imaginar que não existiam muitas pessoas capazes de me entender tão bem quanto ela.

"Ei, Akira. Quando foi que você começou a me chamar de Nagafuji?"

Ela estava derramando água sobre mim enquanto fazia a pergunta.

Esperei o som das respingos parar antes de responder.

"Eu que devo perguntar: por que você ainda não começou a me chamar de Hino? Tem que fazer isso sempre que não estivermos sozinhas."

"Ah, é."

Estávamos cada vez mais distantes, ou enfim aprendendo onde nos encaixamos na vida?

Pouco a pouco, comecei a sentir aqueles pensamentos incertos começando a tomar forma.

Quando finalmente se tornassem concretos, talvez eu conseguisse entender a verdadeira natureza deles.

Descobrir o nome do sentimento que eu sentia pela Nagafuji.

"Sabe, de vez em quando também fico pensando umas coisas complicadas."

"Ah, é mesmo?"

"Quer ouvir o que eu pensei agora há pouco?"

"Hã? Agora há pouco?"

"Hahaha", eu ri, enquanto levantava meus cabelos molhados para o lado.

Limpar meu rosto fez com que a poeira do dia, que estava turvando minha visão, finalmente começasse a sair.

Fiquei ali por um momento, esperando. No entanto, nenhuma resposta veio.

"Você não vai me contar?"

Meus olhos se encontraram com os de Nagafuji através do espelho. Ela piscou uma ou duas vezes antes de se virar e voltar para a banheira.

"Ei."

"Desculpa, esqueci. Deixa eu pensar mais um pouco."

"Já chega."

"Tenho quase certeza de que tinha algo a ver com lulas ou polvos."

"Você vai acabar virando um polvo desse jeito."

Me sentindo um pouco atordoada, fui até ela e entrei na banheira também.

Um suave calor da água podia ser sentido flutuando entre nós.

***

Na manhã seguinte, fui acordada pela Nagafuji acompanhada de um tomate. Ambos estavam pendurados sobre mim, criando uma sombra distinta no meu rosto.

"Estou aqui para o seu despertar."

"Eu não pedi um."

Bem, tanto faz. Quem realmente se importava? Pensando isso, tentei me levantar, mas fui interrompida pela Nagafuji.

"Ei."

"O quê?"

"Você tá no meu caminho."

Especificamente, o rosto dela estava tão perto do meu que, se eu me movesse mais um centímetro, nossos narizes certamente iriam se esbarrar. Além disso, ela estava me encarando diretamente. Uma de nós teria que se mover para o lado se quiséssemos sair dessa situação. Vendo que ela claramente não tinha a intenção de fazer isso, decidi fazer isso por mim mesma, apenas para ela imitar perfeitamente os meus movimentos, nos deixando na mesma posição de antes.

"Wheee."

Havia algo sobre o pequeno efeito sonoro que acompanhava esse movimento dela que me irritava.

"Você não pode simplesmente me deixar levantar? Por que tem que transformar isso em uma brincadeira também? E por que você veio me acordar?"

"Fiquei tão entediada esperando você acordar sozinha."

"Isso definitivamente não é uma desculpa, mesmo que você ache que seja."

Afastei minha mão em direção a ela, fazendo Nagafuji dar um passo exagerado para trás. Finalmente, consegui me levantar. A luz que se via do outro lado da janela me indicava que não era tão cedo pela manhã.

"Além disso, Hino."

"Oi?"

"Você parecia achar que isso era um tomate, mas sinto informar que na verdade é uma maçã."

Com uma expressão de grande orgulho por ter conseguido me dar um golpe de mestre, Nagafuji estendeu a maçã e disse "olá", na voz que eu só poderia imaginar sendo a voz da fruta.

"Cala a boca."

"Sou Nagafuji. Como vai?"

"Eu pensei que você fosse a maçã."

Agora que já estava vestida, a questão era como eu passaria o resto do meu tempo ali antes de voltar para casa. Felizmente, não precisei pensar muito sobre isso.

"Que tal irmos pescar?"

Foi o que Enome sugeriu ao retornar para o quarto depois de um momento fora. *Pescar, hein?* Dei uma olhada rápida para o oceano.

"Acho que nunca fiz isso antes."

"Eu já comi coisas que foram pescadas, se for levar em consideração."

Que comentário mais sem sentido. Vamos simplesmente ignorar isso. Quanto a Enome, ela estava sorrindo suavemente, como costumava fazer, e usando esse sorriso como minha única razão, decidi seguir com o plano dela. Não era como se eu tivesse algo melhor para fazer.

Foi nesse momento que me peguei pensando: *o que, afinal, viemos fazer aqui?*

Com o café da manhã já terminado, nós duas seguimos Enome até onde as ondas do oceano se estatelavam contra o quebra-mar. No meio do caminho, Nagafuji de repente percebeu que estava sem os óculos, mas depois de dar uma rápida olhada em mim, ela apenas acenou com a cabeça e decidiu não voltar para pegá-los.

O céu ainda estava nublado como no dia anterior, mas de vez em quando, alguns pedaços do céu azul atrás das nuvens conseguiam se mostrar, espreitando por entre elas.

Como era de se esperar, o vento ficou bem gelado à medida que nos aproximávamos da orla. Era um nível de frio onde eu honestamente não ficaria nem um pouco surpresa se visse gotas de granizo voando pelo ar. E, ainda assim, o que encontramos ali foram algumas pessoas em pé, com varas de pescar nas mãos. Silenciosamente, com expressão estoica, aquelas almas encaravam o mar. Eu segui o exemplo, e logo meus olhos estavam novamente vidrados.

Ao longe, um pequeno barco de pesca podia ser visto flutuando, as ondas o balançando suavemente de um lado para o outro.

Não era um barco que eu já tivesse visto antes. Claro que não. E, ainda assim, havia algo na visão que me causava uma sensação estranha de nostalgia.

Caminhamos até um local sem pessoas por perto, onde Enome nos entregou os pares de varas de pescar que ela havia preparado. Eu não tinha a menor ideia de como segurar uma daquelas coisas, muito menos como usá-la, o que fez com que a mulher me guiasse educadamente.

"Você gosta de pescar?"

"Não particularmente. Estou apenas repetindo o que me disseram antigamente", respondeu Enome, enquanto segurava seu cabelo com a outra mão para evitar que o vento o levasse.

Antigamente? Não pude deixar de me perguntar sobre isso. Talvez ela tenha ido pescar quando ficou aqui todos aqueles anos atrás? Isso parecia uma explicação plausível.

Distanciando-me um pouco da Nagafuji, lancei minha linha no oceano. Também tínhamos um balde com água, embora eu tivesse a sensação de que aquilo provavelmente não seria usado naquele dia. Mesmo assim, se por acaso eu acabasse pegando até mesmo um único peixe, com certeza eu levaria o meu "pescado" para casa e comeria.

O conceito de pegar algo apenas para libertar não fazia sentido para mim. O dobro de esforço, sem recompensa.

"Eu espero pegar uma enguia", disse Nagafuji, balançando distraidamente sua vara de um lado para o outro. Ela ainda não havia pegado nada.

"Será que tem congro aqui?"

Eu mudei minha atenção para o vasto oceano, tão mais profundo do que qualquer rio. Não havia sinais de peixe à vista. Nenhuma bolha, nada.

"Se não tiver, qualquer enguia serve."

"De alguma forma, estou começando a entender bem o que você quer comer."

Eu também podia perceber que as chances de o desejo dela se realizar eram mínimas.

Cerca de dez minutos se passaram.

Parece que, entediada com a falta de ação, Nagafuji deixou sua vara de pescar com Enome e se afastou para algum lugar. Isso também era algo que eu já imaginava que aconteceria. Enome, por sua vez, não foi pescar; ela se aproximou de mim.

"Essa garota é surpreendentemente impaciente."

"Você acha?"

Embora eu sentisse que "impaciente" não fosse exatamente a palavra certa, nada mais vinha à mente. Enquanto isso, eu podia ver Nagafuji pegando algo com o canto do olho. *O que seria aquilo? Um ventilador quebrado?*

Hmm, não. Olhando mais de perto, a coisa claramente não era um ventilador. Parecia mais... um bumerangue? Alguém teria trazido para brincar e depois se esqueceu de levar de volta? Parecia uma explicação lógica. Enquanto eu me perguntava sobre a origem do objeto, Nagafuji pegou o brinquedo perdido e o colocou bem em frente ao rosto. Ela não estava usando óculos, e isso explicava porque ela não conseguia enxergar muito bem de outra forma. *Será que os olhos dela realmente eram tão ruins? Deixando isso de lado, por que ela teria pegado o bumerangue em primeiro lugar? O que ela estava planejando fazer com ele?* Não precisei esperar muito para uma resposta, pois, após dar uma rápida limpada no objeto, como se quisesse tirar a areia, ela correu para mais longe, até ficar sem ninguém por perto, e então o jogou para o alto.

A falta de impulso no lançamento fez com que o bumerangue acabasse caindo de forma desajeitada no chão, depois de apenas alguns momentos de voo, sem nunca retornar para ela.

Embora não houvesse nada de errado com o que ela estava fazendo em si, ficava óbvio que ela não sabia como aquilo deveria ser feito.

O último vislumbre que tive de Nagafuji, antes de desviar o olhar, foi dela correndo para pegar o brinquedo caído como um cachorro atrás de um frisbee.

Agora, chega de falar sobre ela.

"Você está com frio?" Enome me perguntou, parecendo genuinamente preocupada. Seu torso e seus braços estavam tremendo, o que me dava a impressão de que ela certamente estava com frio.

"Estou. Mas não precisa se preocupar. Já me acostumei."

"Que bom então", ela disse em tom de brincadeira. Havia algo muito misterioso, quase pitoresco, na maneira como ela estava ali, olhando para o mar enquanto usava um avental. O *haori* dela se movendo ao vento dava a sensação de que estávamos testemunhando o início de uma espécie de aventura.

Seguindo seu olhar, eu via que ela estava observando o barco distante.

"Quando você disse que ficou aqui, estava sozinha?"

Enome não era casada. Ou pelo menos, não estava no momento; se ela já havia sido casada no passado, isso era algo que eu não tinha como saber.

"Eu vim com a Senhora. Foi uma semana antes dela se casar. Ou seja, faz muito tempo."

Como quem tenta agarrar memórias que flutuam sobre o mar, Enome desviou o olhar em direção ao horizonte.

Ela veio com a mamãe? Por algum motivo, não fiquei exatamente surpresa ao ouvir aquilo.

"Foi você quem sugeriu?"

"Não, foi sua mãe."

"Isso... não é surpreendente. Ela adora viajar, essa mulher."

Poucos feriados prolongados a nossa família não passava fora do país. E quando digo "nossa família", me refiro a todos os meus irmãos e suas famílias também. Não seria difícil nos confundirem com um grupo de turistas em um pacote de viagem.

Para ser bem honesta, eu achava o número de pessoas um pouco exaustivo. Nunca se tinha um momento de paz para si mesmo. Mesmo assim, isso era só o que eu sentia. Quanto à minha mãe, ela parecia realmente aproveitar esse tipo de ambiente.

"Você foi pescar naquela época também?"

"Sim. Sua mãe disse que queria tentar."

"E aí? Pegou alguma coisa?"

Minha pergunta foi respondida com Enome balançando lentamente a cabeça de um lado para o outro.

"Não pegamos nada. Estava bem frio, e como seria um desastre a noiva ficar doente uma semana antes do casamento, acabamos ficando apenas por alguns momentos."

"Hmm."

"No entanto, comemos peixe frito na pousada e fingimos que aquilo foi o que pegamos."

"...Sério?"

Isso soava exatamente como algo que a Nagafuji sugeriria. Será que o mundo estava realmente cheio de idiotas como ela, e eu ainda não havia encontrado nenhum deles?

"Olhar você parada aí, não consigo deixar de me lembrar da Senhora naquele dia."

"Certo..."

Sem dúvida, nós duas estávamos mais distantes em termos de idade do que a maioria dos pais e filhos. A maior parte da semelhança externa entre nós havia se tornado imperceptível com o passar do tempo. Ou seja, o que quer que Enome visse em mim, eu não via em mim mesma. Só porque ela tinha estado lá para testemunhar ambos os lados, ela era capaz de fazer essa comparação.

"....."

Ainda assim, "Senhora", huh? Era assim que ela sempre a chamava. Considerando o relacionamento delas agora, eu tinha que imaginar que, antigamente, as duas se tratavam por nome mesmo.

Nunca Enome demonstrou o menor sinal de hesitação ao se referir a ela dessa forma.

"Você está feliz por poder estar com ela?"

Acabei dando um balanço aleatório na minha vara de pescar. Os peixes ainda não estavam mordendo.

Lentamente, Enome virou o olhar para mim antes de acenar com a cabeça da maneira mais suave possível.

"Claro. Por que pergunta?"

Eu não sabia o que responder a isso. A rapidez com que ela lidou com minha pergunta me deixou completamente sem palavras.

A resposta que ela disparou me pegou desprevenida.

Eventualmente, o vento gelado do inverno fez com que eu murmurasse algo.

"É como... Não sei como dizer isso, mas a mamãe está casada com o papai agora."

Os pensamentos que preenchiam minha cabeça pareciam completamente fragmentados, mal conectados. A mamãe e a Enome devem ter sido muito especiais uma para a outra para ainda estarem juntas depois de todos esses anos. Mais especiais do que qualquer outra pessoa no mundo. Apesar disso, foi com o papai que a mamãe acabou casando. Ela construiu uma família com ele. E ainda assim, mesmo depois disso, as duas ainda permaneciam lado a lado. Era... Eu não sabia o que deveria pensar. Pegue a Nagafuji como exemplo. Se ela algum dia priorizasse alguém em vez de mim, então... Então eu suponho que seria algo parecido. Talvez. Quanto mais eu tentava entender o assunto, menos sentido fazia para mim.

Sentimentos e dúvidas assim não se encaixavam em nenhuma estrutura organizada.

"Entendi", Enome assentiu. Enquanto eu mesma tinha dificuldades para entender o que estava tentando dizer, ela parecia ter me compreendido completamente.

Uma única veia sanguínea podia ser vista correndo pela parte seca da mão dela, enquanto a segurava contra a bochecha.

"Conversamos sobre isso por um longo tempo e, no fim, chegamos à conclusão de que essa era a forma mais realista de ficarmos juntas."

Assim que essas palavras saíram de sua boca, senti a ponta da minha vara de pescar se mexer. Acabou que não era nada; não havia peixe algum ali.

"A Senhora não pode abandonar seu sobrenome de família, nem pode escapar das responsabilidades que vêm com ele. Eu estou ciente desses dois fatos desde o dia em que nos conhecemos. Suponho que você poderia chamar isso de um pré-requisito, por assim dizer."

A expressão em seu rosto estava tingida de nostalgia. Ela claramente estava relembrando o passado, de como tudo começou.

Eu suponho que, quando tudo o que você tem são memórias agradáveis, sempre é possível encontrar alegria em revê-las.

Sempre que ela falava sobre a mamãe — e com a mamãe — era assim que ela parecia. Feliz.

"Essa foi a decisão dela como portadora do nome Hino. No entanto, como indivíduo, é verdade que sua mãe desejava passar a vida comigo. Eu sentia o mesmo, e é por isso que, sim, você pode dizer que estou bastante satisfeita."

"...Entendi."

"Então, foi assim com a mamãe."

"Hmm?"

"Diferente dela, aparentemente a família não precisa de mim para sobreviver."

Eu tinha vários irmãos mais velhos que poderiam cumprir esse papel.

"Correto."

"Então, o que sobre pra mim? Qual é o meu papel?"

De todos os meus irmãos, eu fui a que nasceu por último.

Qual razão eu tinha para ficar presa em casa?

"Isso é algo que não depende de você, mas sim de quem está ao seu redor", Enome respondeu rapidamente. O tom dela parecia muito mais casual dessa vez, me dando a impressão de que ela não havia refletido muito sobre suas palavras. "Do meu ponto de vista, você é filha de uma pessoa muito querida para mim. Quero que a gente tenha uma boa relação, uma relação amigável. Você talvez sinta o contrário?"

"Não, não é isso..."

"De novo, o que eu deveria dizer aqui?" As palavras simplesmente não vinham. Minha voz vacilante foi rapidamente engolida pelo vento.

Enome, por outro lado, não demonstrou hesitação alguma. Ela falou de forma tão suave, mas suas palavras ainda assim não tiveram dificuldade em me alcançar por cima do som do oceano.

"Não há necessidade de se preocupar demais com quem você é. Os outros vão decidir isso por você, queira você ou não. Agora, se você ainda não estiver satisfeita com a conclusão, então será esse o momento de agir."

"Hmm..."

Assim, o peso das minhas preocupações adolescentes foi resolvido, varrido para longe.

Não pude deixar de admirá-la: adultos realmente eram impressionantes.

Bem, alguns deles eram, pelo menos; comparando-a com o pai, os dois não poderiam ser mais diferentes. Se tem o lado bom, também tem o lado ruim, eu suponho.

"Você é uma ótima oradora, Enome."

"Perto do Mestre, qualquer um parece eloquente."

"Concordo."

"Os peixes estão mordendo?"

Foi Nagafuji quem perguntou isso, tendo retornado até nós depois de aparentemente se cansar de correr em círculos. Seu timing foi tão próximo do ponto natural final da nossa conversa que me peguei me perguntando se ela talvez tivesse feito isso de propósito. *Será que tinha? Hmm, não. Provavelmente não. Nagafuji não era esse tipo de pessoa.*

Falando nisso, ela ainda estava carregando o bumerangue que eu a vi pegar mais cedo.

"Vamos ver o que você pegou", disse ela, enquanto olhava para o balde. Era desnecessário dizer, mas não havia nada além de água dentro.

Nagafuji não pareceu acreditar, pois imediatamente depois, ela começou a sacudir o balde de um lado para o outro.

Feito isso, deu uma leve batida no meu ombro.

"Acho que não se pode esperar muito de uma novata."

Isso combinava mais com quem ela era de fato.

"Se você não quer que o balde fique vazio, por que não enfia o pé nele ou algo assim?"

"Ah? Por que eu não pensei nisso?"

Embora minha sugestão fosse claramente uma piada, Nagafuji parecia estar levando isso completamente a sério. *Espera, ou ela também estava brincando? Ela tinha que estar, né?* Foi a conclusão que cheguei, só para vê-la, no momento seguinte, se agachar ao lado do balde. Então, como se estivesse tentando, ela submergiu o dedo indicador da mão direita na água. Isso foi seguido por ela puxando o braço rapidamente para longe.

"Acho que não vou. Está muito frio."

"Hoje você tá espertinha, hein."

"Os peixes são meio incríveis por conseguirem viver em água tão fria."

"Ah, que adorável."

Nagafuji — conhecida por sua incapacidade de perceber sarcasmo — não reagiu ao meu comentário. O que ela fez, em vez disso, foi se levantar e logo depois agarrar meu cabelo. Isso não foi tudo; ela também bateu nas minhas costas e pressionou meus ombros. O que ela estava fazendo? A resposta era óbvia: *matando o tempo.*

"Vai embora."

"Mas você parece tão entediada só parada aí."

"...Por que eu tenho a impressão de que você nunca vai entender as alegrias da pesca?"

Não que eu também já estivesse totalmente habituada a isso.

Embora não tenhamos pegado nada, tive várias vezes a sensação de que algo estava mordendo.

Logo, o momento de irmos embora chegou. Acabei dando uma última olhada para trás antes de irmos.

Lá, olhando para o oceano, um pensamento cruzou minha mente: *Mesmo quando ficamos parados, mesmo quando não nos movemos de onde estamos, o passar do tempo ainda pode nos fazer viver novas experiências.*

Foi assim que vi Nagafuji e eu. Como sempre nos vi.

***

"Vamos passar no açougue primeiro?"

"Ah, não. Tá tranquilo, tá tranquilo. Eu espero," Nagafuji respondeu de uma maneira bem mais generosa do que o normal. Será que ela tinha amadurecido um pouquinho? Não pude deixar de ficar um pouco impressionada.

Nós estávamos discutindo qual caminho seguir para casa.

"Para de fingir que é educada. Não precisa bancar a superior."

"Hmm? Mas eu não tô fingindo, tô?"

A expressão no rosto dela era de confusão. Parecia que ela não fazia ideia do que eu estava falando.

O que eu deveria responder a isso? A conversa parecia que não ia a lugar algum. Mas, quando é que as coisas não eram assim com a Nagafuji?

Só quando o carro parou em frente à nossa casa que eu entendi o significado das palavras dela.

"Ok. Agora, acho que vou passar a noite na sua casa."

"Não vai, não. Vai pra casa."

Sem surpresa, minhas palavras não surtiram efeito algum. Ela saiu do carro e se posicionou ao meu lado.

"Espera, o quê? Tá falando sério?"

"Claro. Já fiquei na pousada por uma noite, então por que não passar a noite de novo?"

Por que ela parecia tão orgulhosa de dizer isso? Não sei. Olhei para Enome e a encontrei rindo baixinho.

"Hmm... Bem, tanto faz. Acho que tudo bem."

Era domingo mesmo. Além disso, se Nagafuji fosse embora agora, eu ficaria entediada sem nada para fazer.

Com isso, nós três entramos juntas. A pessoa que nos recebeu lá foi a que eu menos esperava ver: meu pai.

"Voltamos", Enome anunciou, e meu pai respondeu com uma esfregada no queixo.

"Preciso falar com você. Vem aqui um segundo."

Como sempre, ele pulou todas as formalidades e foi direto ao ponto. Seus passos ao andar eram silenciosos também.

"Ah..."

Será que essa mesma cena já não tinha acontecido antes? Com certeza já.

"Eu acho que vou lá então", murmurei para Enome. *Será que meu pai estava bravo comigo ou algo assim? Por ter fugido? Hmm, não. Provavelmente não. Pensando bem, isso não fazia muito sentido.*

E afinal, o que aqui ainda contava como se eu estivesse fugindo?

"Você poderia levar minhas coisas pro meu quarto?"

"Claro."

Entreguei minhas bolsas para ela. Com os ombros — e só os ombros — agora mais leves, tirei meus sapatos também.

Uma sensação parecida com a que sinto no meu cabelo após um banho tocou minha bochecha enquanto eu virava na direção para onde meu pai tinha ido.

Tum, tum.

"Hmm."

Tep, tep.

"Fica aí."

De muitas maneiras, nenhuma conversa aconteceria se ela viesse comigo.

Coloquei minha mão contra o estômago da Nagafuji e a empurrei. Isso foi seguido por Enome envolvendo as mãos dela ao redor da Nagafuji e a puxando para longe.

"Não! Eu sou inocente!"

Apesar da ação sem sentido, Nagafuji não fez muita resistência.

Agora, as duas tinham ido embora. Quanto às bolsas que eu havia dado para Enome, bem, elas ainda estavam ali no meio do corredor. Minha tentativa de passar o trabalho para outra pessoa só resultou em dobrar a quantidade de trabalho para mim.

"Sério, o que está acontecendo com ela?"

O jeito como ela sempre agia era como um mascote de parque ou algo parecido, só que sem graça nenhuma.

Lutando para colocar um nome nas emoções que estava sentindo, virei para trás de uma vez por todas e segui meu pai até a sala dos fundos.

Como no outro dia, ele estava sentado esperando por mim, com as costas tão retas quanto uma prancha. Movendo apenas os olhos, ele me fez um sinal para sentar. Todos os meus irmãos realmente se pareciam com ele. Suas expressões sérias, eram uma só. Quanto a mim, pessoalmente, não achava que me parecia nem um pouco com a minha mãe.

Será que isso era porque ela era uma Hino de sangue puro? Provavelmente.

As palavras que meu pai disse quando me sentei à sua frente não foram nem um pouco as que eu esperava ouvir.

"Se divertiu?"

Não pude deixar de me sentir um pouco chocada. Normalmente, ele nunca perdia tempo com esse tipo de conversa casual.

"Sim, me diverti."

Tinha sido menos sobre eu ter fugido e mais sobre eu e a Nagafuji apenas passeando, mas mesmo assim.

No fim das contas, talvez isso fosse o que eu mais quisesse.

Era assim que eu tinha vivido até agora, então talvez fosse isso.

"Entendo."

Foi só isso que meu pai respondeu. De uma forma ou de outra, ele não parecia ter intenções de continuar a conversa dali.

Decidi não dizer nada também. Qual era o sentido se eu só fosse receber uma resposta igualmente curta?

"Então... Era isso?"

Embora eu nunca tenha dito para ela fazer isso, Nagafuji provavelmente ainda estava esperando por mim.

"Certo", ele assentiu com a cabeça. Isso foi seguido por seus olhos se estreitando ligeiramente. "Sua mãe ficou muito brava comigo."

"...Hã?"

"Como ela disse mesmo... Ao que parece, me faltam palavras."

A cena do meu pai dizendo isso me pareceu bastante incomum. Para começar, seus olhos estavam fechados. O modo como ele falou também soou muito suave, quase derrotado.

Era em momentos como esses que você realmente podia ver a semelhança entre ele e meus irmãos.

"É por isso que estou fazendo isso agora. Conversando com você."

"Entendi..."

"Entre todos os meus filhos, você é a que mais se parece comigo."

Isso era o que a mamãe queria dizer quando falava que faltavam palavras para ele? Não, provavelmente não. Dito isso, achei a declaração dele um tanto estranha também. Seríamos mesmo tão parecidos? Se eu fosse pensar em algo, teria sido o oposto. Era difícil para mim não inclinar a cabeça para o lado.

"Sério? Como assim?"

"Como assim, nós dois somos incapazes de nos adaptar completamente a essa casa."

Pouca emoção podia ser ouvida em sua voz. Enquanto minha camisa quase escorregava dos meus ombros, ele parecia completamente impassível.

"Não lembro se já falei disso com você, mas eu não fazia parte dessa família originalmente."

"É, né. O que foi mesmo? Você foi feito membro quando casou com a mamãe?"

"Mais ou menos. Quase isso. Os detalhes exatos não importam."

Parece que, no fim das contas, pelo menos tínhamos em comum o fato de odiarmos dar explicações.

"Eu vivi toda a minha vida pela família Hino. Posso não gostar da comida sem graça, dos sorrisos forçados, mas sabendo que escolhi esse caminho para mim, não tenho reclamações."

Novamente, ele falava de maneira bem impessoal. Só quando falou sobre a comida que sua voz subiu um pouquinho.

Quase soltei uma risada.

Claro, não fiz isso de verdade. Estávamos tendo uma conversa séria.

"Desejo que você também viva de maneira fiel a si mesma."

"....."

Que conselho genérico e simples eu tinha recebido.

Ainda assim, sabendo como meu pai é, ele provavelmente passou muito tempo pensando nisso.

Foi por isso que decidi que deveria levar suas palavras a sério.

"Entendido."

Mais uma vez, ele respondeu com um aceno de cabeça.

"Isso é tudo."

Ele então se levantou.

"Avise sua mãe que tivemos uma conversa."

Com essas palavras, ele se virou e foi embora.

“Diga isso para ela você mesmo”, murmurei baixinho.

"Sério, o que foi tudo aquilo?"

Me senti exausta. Mesmo assim, uma parte de mim se perguntou: *realmente contou como uma conversa?*

O papai certamente parecia acreditar que sim.

"Mamãe ou ele. Com quem eu me pareço?"

Que pergunta mais besta. A resposta era obviamente "ambos".

Claro que eu me parecia com os dois. Eu era filha deles, afinal.

Eu sou uma menina da família Hino.

Por um momento, considerei deitar ali mesmo no chão e tirar um cochilo, mas decidi que provavelmente não deveria, então me forcei a me levantar.

Tinha alguém me esperando. Com isso em mente, também deixei o quarto para trás.

Estava no meio do corredor, correndo, quando me lembrei de que havia sido especificamente avisada para não fazer isso porque fazia muito barulho. Lembrei disso, e ainda assim, não parei.

"Ah, bem-vinda de volta."

O que me recebeu quando voltei para o meu quarto foi a visão da Nagafuji organizando sua bagagem. Parecia que ela estava escolhendo suas roupas para usar no dia.

Ela estava planejando passar a noite aqui desde o começo, não estava?

"Seu pai te xingou, Hino?"

"Não, não exatamente. Acho que nunca vi ele ficar bravo."

O mesmo valia para ele ficar feliz também. Acho que emoções fortes, de qualquer forma, não eram muito a praia dele.

Parecendo aliviada por eu ter aparecido, Nagafuji tirou os óculos. Foi aí que percebi que ela estava mastigando algo.

"O que você tem na boca?"

"Doces. Me disseram para comê-los e ser uma boa menina, então fiz exatamente isso."

"Você é criança ou o quê?"

Bem, sim. Era exatamente isso que ela era. Nós, com treze anos, ainda éramos muito crianças; impotentes, instáveis.

Havia tantas perguntas em nossas mentes que só nos restava buscar as respostas.

Ainda assim, suponho que isso fosse algo que nunca mudaria, não importava a idade. Era simplesmente como as pessoas eram.

"Diz uma coisa, Nagafuji."

Tendo me sentado, passei minha atenção para a Nagafuji. Uma parte de sua bochecha ainda parecia meio inchada.

"Hmm?"

"Você e eu..."

Vamos ficar juntas pelo resto da vida?

Era isso que eu ia dizer. Porém, achando extremamente embaraçoso, acabei me contendo antes que as palavras saíssem da minha boca.

"Eu e você…?" Nagafuji repetiu, se aproximando de mim. Embora antes tivéssemos mais ou menos a mesma altura, agora já não era mais o caso.

Eu estava fadada a passar o resto da vida olhando para ela de baixo para cima?

Ali estava ela, bem na minha frente. Ela estava sempre ali.

Hmm... Algo assim, pelo menos. As palavras que eu tinha escolhido não carregavam bem o significado que eu queria transmitir.

"Então, o que você quer fazer agora?"

"Certo, certo."

Diversos pedaços de doce podiam ser ouvidos se mexendo na boca dela. Quantos ela havia comido de uma vez?

"Acho que vou brincar com você."

"Hã?"

"Deixa eu brincar com você!"

Com isso, Nagafuji saltou em direção a mim. Eu, por minha vez, acabei pulando para o lado. Era como se já tivéssemos feito isso antes. Nagafuji não parecia disposta a desistir, e em poucos momentos, ela já estava pronta para outro ataque, só para eu desviar novamente. *Alguém iria ficar bravo conosco se continuássemos assim? Iriam gritar, perguntar o que estávamos fazendo? Provavelmente.* A ideia disso me fez rir.

Se realmente fosse esse o caminho que eu escolhi para mim, naquele momento, tudo o que eu podia fazer era rir.

Talvez eu devesse simplesmente continuar assim, então? Foi assim que vivi minha vida até agora. A escolha que fiz para deixar de lado todas as outras opções.

Meus olhos se encontraram com os de Nagafuji. Ali, olhando para ela, me peguei beliscando suas bochechas inchadas e torcendo-as.

"Espero que esteja pronta."

Minhas preocupações se dissiparam no ar.